

XV Peregrinação Diocesana a Fátima reuniu mais de 1500 Alentejanos



Antes do nascer do sol, do dia 29 de Junho de 2019, já alguns grupos de Peregrinos tinham partido das suas terras, principalmente em autocarros (e também nos seus carros particulares) em direção à Cova da Iria, Fátima. A meio da manhã, os primeiros grupos já se encontravam quer dentro de Fátima, quer nas proximidades, na Loca do Cabeço, lugar das Aparições do Anjo aos pastorinhos, voltada para o pequeno lugar de Aljustrel.

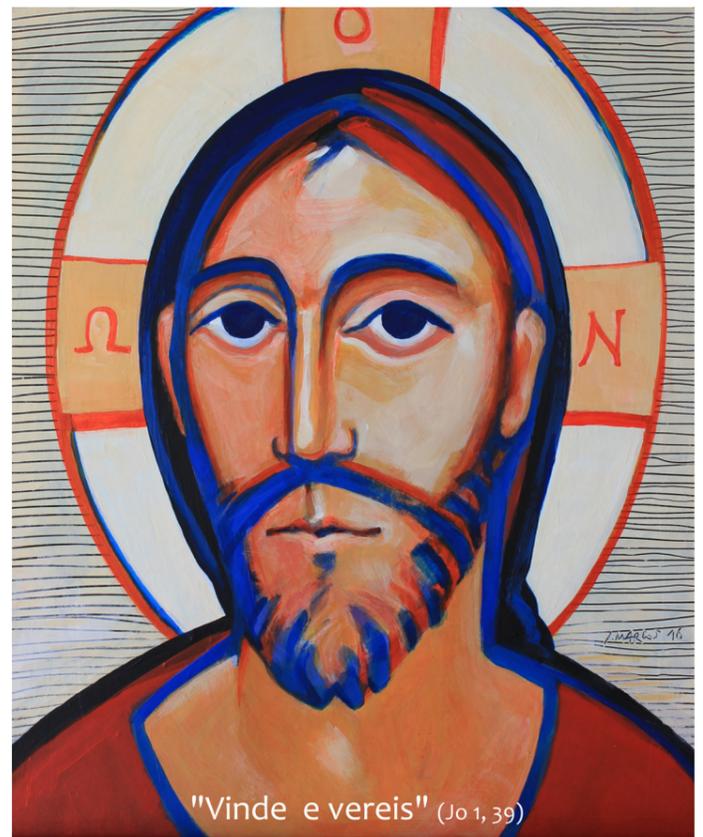
Como outrora aos pastorinhos (1917), este lugar continua a proporcionar verdadeiras experiências de fé, longe dos ruídos externos, deixando a saudade a quem lá se desloca com espírito de sacrifício, vontade de conversão e de encontro com Deus.

Acolhimento, Oração e Reconciliação

Depois do almoço, pelas 15.00 horas, realizou-se o acolhimento na Basílica da Santíssima Trin-

dade, seguida de uma hora de Oração diante do Santíssimo Sacramento, tendo sido proporcionada a celebração do Sacramento da Reconciliação aos peregrinos que a quiseram realizar. A partir das 16 horas e 45 minutos, saímos em Procissão, desta Basílica para a Capelinha das Aparições, a fim de saudarmos Nossa Senhora de Fátima e, pelo Senhor Bispo, Lhe ser Consagrada a Diocese de Beja.

• Páginas 4 e 5



"Vinde e vereis" (Jo 1, 39)

250
anos
RESTAURAÇÃO
DIOCESE - BEJA
1770 - 2020

• Página 8

Ciclo de concertos «Música nas Catedrais 2019»

O Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja e a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) promovem a primeira edição do ciclo «Música nas Catedrais», entre 28 de junho e 26 de Julho.

Esta iniciativa, que se enquadra no projeto nacional Rota das Catedrais, é coordenada pelo Teatro Nacional de São Carlos (TEC), que assegura diretamente alguns concertos através do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Neste ciclo também Beja será contemplada com um Concerto na Sé, no próximo dia 11 de Julho (4ª feira), pelo Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. Para preparar a logística deste Concerto deslocou-se há dias à Sé de Beja uma equipa técnica do TEC. Um acontecimento artístico raro, a não perder!

Admissão às Ordens Sacras na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus



No dia 28 de junho, pelas 18h.30, na Igreja Catedral de Beja, D. João Marcos, Bispo de Beja, presidiu à Celebração da Eucaristia da *Solenidade do Sagrado Coração de Jesus*, com a integração do canto de Vésperas.

De referir que a Igreja Catedral está dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, por vontade de D. José do Patrocínio Dias.

Nesta celebração, foi significativa a participação das *Irmãs Oblatas do Divino Coração*, que reuniu também as Irmãs a trabalhar em

Odemira, bem como algumas colaboradoras do Infantário de Nossa Senhora da Piedade, naquela Vila do



Litoral Alentejano.

Após a celebração da Palavra, o Senhor Bispo procedeu ao Rito de Admissão às Ordens Sacras do Seminarista Jacinto Nunes que acabou de concluir o 4º ano de Estudos Filosófico-Teológicos.

No final, D. João Marcos agradeceu a presença e o trabalho do Padre Vicente Mieto, ex Reitor do Seminário Maior de Évora, com os alunos Seminaristas de Beja que, no tempo presente, está de partida para o México, onde assumirá as funções de Diretor Espiritual.

Vaticano rejeita pressões políticas ou jurídicas para levantar «segredo» de Confissão

O Vaticano publicou, no dia 1, um novo documento sobre o chamado “segredo de Confissão”, a que está obrigado qualquer membro do clero católico, considerando que este sigilo não pode ser anulado por pressões políticas ou jurídicas.

A nota do Tribunal da Penitenciaría Apostólica (Santa Sé) considera que “qualquer ação política ou iniciativa legislativa que vise forçar a inviolabilidade do sigilo sacramental “constituiria uma “ofensa inaceitável” contra a liberdade da Igreja e “uma violação da liberdade religiosa”, incluindo a liberdade de consciência dos cidadãos em causa, tanto penitentes como confessores.

O texto divulgado esta segunda-feira foi aprovado pelo Papa Francisco a 21 de junho de 2019 e é assinado pelo cardeal Mauro Piacenza, penitenciário-mor, e por monsenhor Krzysztof Nykiel, regente do Tribunal.

O tema foi objeto de discussão na Austrália e no Chile, por exemplo, onde as autoridades queriam impor a obrigatoriedade

de denúncia às autoridades de abusos sexuais de menores reportados durante o sacramento da Confissão, algo rejeitado pela Igreja Católica.

A nota do Vaticano assinala que a defesa do sigilo sacramental e da Confissão “nunca poderão constituir qualquer forma de convivência com o mal”, mas observa que não pode aceitar como condição de absolvição a obrigação de alguém se denunciar à justiça civil, em virtude do princípio ‘nemo tenetur se detegere’ (o direito de não produzir prova contra si mesmo).

“Pertence à própria estrutura do Sacramento da Reconciliação, como condição para a sua validade, o sincero arrependimento, juntamente com o firme propósito de emendar e não reiterar o mal cometido”, pode ler-se.

A Penitenciaría Apostólica precisa que, perante um penitente que tenha sido vítima do mal dos outros, “será do interesse do confessor instruí-lo sobre os seus direitos”, bem como sobre os instrumentos jurídicos para denunciar os factos no foro civil

ou eclesiástico.

O texto visa promover uma “melhor compreensão” de conceitos próprios da comunicação eclesial, como “o sigilo sacramental, a confidencialidade inerente ao foro interno extrasacramental, o segredo profissional, os critérios e os limites próprios de qualquer outra comunicação”.

“É necessário reaprender o poder da palavra, o seu poder construtivo, mas também o seu potencial destrutivo; devemos vigiar para que o sigilo sacramental nunca seja violado por ninguém e que a necessária confidencialidade ligada ao exercício do ministério eclesial seja sempre zelosamente preservada, tendo como único horizonte a verdade e o bem integral das pessoas”, aponta a Santa Sé.

A nota adverte para um potencial uso errado das informações próprias da vida privada, social e eclesial, que se podem transformar numa “ofensa contra a dignidade da pessoa e a própria Verdade, que é sempre Cristo, Senhor e Cabeça da Igreja”.

Fonte: Ecclesia

Editorial



António Novais Pereira, Diretor

Ecoss da Peregrinação Diocesana

Nesta Peregrinação da Diocese de Beja a Fátima foi notória a diminuição dos peregrinos bem como a diminuta participação dos jovens, quer nas idades entre os 14 e 24 anos, quer também entre os 25 e os 40 anos de idade.

Sobre estas realidades, a meu ver, a grande tentação é encontrar as causas fora de nós, à semelhança da tragédia grega porque, quando as causas estão fora de nós, nada podemos fazer. Esta tentação, sempre presente, não nos deverá esquecer do esforço que será necessário para o encontrar das causas internas ou seja, questionarmos acerca das experiências e expectativas religiosas destes sectores etários, o que fazemos e lhes proporcionamos, como modo de lhes transmitir o sentido de uma Peregrinação Diocesana, a vida eclesial e os incentivarmos à participação naquilo que consideramos fundamental. Sem este esforço, pode acontecer que muitos dos participantes não entendam nem possam entender aquilo que estamos a celebrar.

Algumas expressões da reli-

giosidade popular podem parecer distantes dos cânones da ortodoxia católica mas muitos dos seus ritos inserem-se sem dificuldade no âmbito da liturgia oficial. As expressões da religiosidade popular acompanham a vida da Igreja desde os primórdios do cristianismo e expressam as relações pessoais do homem com Deus, a Virgem Maria e os Santos.

Apesar de todas as dificuldades em conciliar a liturgia oficial com a religiosidade popular, face ao medo de que o acessório mate o essencial, não devemos “apagar a torcida que ainda fumea” e insistir que uma das realidades mais importantes é a participação ativa dos fiéis, ao mesmo tempo que se apela à compreensão e à vivência, tanto quanto possível, da Páscoa do Senhor. Para que tal aconteça, muito nos ajudará a leitura e re-leitura dos documentos do Concílio Vaticano II, em geral e, particularmente, os respeitantes à liturgia.

Em Fátima, o “Adeus à Virgem” é revelador de um corte abrupto com o vivido anteriormente ou seja, a liturgia oficial, para dar lugar à religiosidade popular, onde tudo parece ser natural, espontâneo e muitos não conseguem conter as lágrimas, na hora da despedida, suplicando à Virgem que a todos acompanhe, na luta quotidiana e árdua que a vida lhes oferece. Ainda que o peregrino se sinta só e não lhe seja prestado o respeito e a atenção devida, ele sabe que pode contar com o olhar atento da Mãe de Deus, em quem confia e não sai de Fátima sem Lhe dirigir “uma prece final”.

**Prezados colaboradores,
assinantes e leitores
Contamos com todos para
a continuidade
e futuro deste jornal.
Colabore,
leia e divulgue o
“Notícias de Beja”**

O nosso Domingo

O cristão ou é missionário ou é demissionário

Fr. Pedro Bravo, oc

Como vivemos o nosso cristianismo: de forma individual, subjetiva, privada, talhado à nossa medida? Como um grupo isolado, separado dos outros, satisfeito com as suas certezas, mas incapaz de verdadeira sintonia com os que não são dos nossos ou que não são como nós? Ou então como membros do Corpo de Cristo, filhos da Igreja, gratos pelo dom da fé e dos irmãos que o Senhor nos deu, conscientes da nossa missão de viver o Evangelho e de o propagar?

É disto que nos fala a liturgia deste domingo. Porque se trata do Evangelho, da Boa-nova, somos chamados antes de mais à alegria. Di-lo a coleta, logo no início: «Deus de bondade infinita, dai aos vossos fiéis uma santa alegria». Que santa alegria é esta, que nos liberta «da escravidão do pecado», para podermos «chegar à felicidade eterna»?

1- Antes de mais, é a alegria de sermos Igreja, Povo de Deus. Na primeira leitura, através de um discípulo de Isaías (66,10-14), Deus convida-nos: «Alegrai-vos com Jerusalém, exultai com ela, todos vós que a amais». Que Jerusalém é esta? É a Igreja, nossa Mãe. Quem a ama participará da sua alegria. E quem é que a ama? Quem participa «do seu luto». Quem, por egoísmo, não se importa com os outros, não os serve, não lhes anuncia o Evangelho, nem lhes transmite a fé, ou, quem, por elitismo, não se reconhece membro da Igreja concreta de que fazemos parte, com as suas limitações, erros e fraquezas, pretendendo parte de uma Igreja mais pura, detentora de uma fé superior e mais esclarecida, ainda está escravo do pecado, sendo incapaz de participar da verdadeira alegria. Só quem é capaz de chorar os seus próprios pecados e os pecados da Igreja a que pertence, porque a ama, é capaz de participar da sua alegria. Que alegria? A do amor misericordioso de Deus por nós, por cada um de nós, a começar pelos mais pequeninos e afastados: «Os seus meninos de peito

serão levados ao colo e acariciados sobre os joelhos. Como a mãe que consola o seu filho, também eu vos consolarei, em Jerusalém sereis consolados. Quando o virdes alegrar-se-á o vosso coração». Só conhece a verdadeira alegria, quem se reconhece necessitado da misericórdia de Deus. Quem o faz, junta-se aos outros membros da Igreja, aos irmãos, para com eles receber a misericórdia divina. E aí, sentindo-se objeto da misericórdia de Deus e seu devedor, torna-se capaz de ser seu instrumento e canal da sua ternura junto dos outros. E assim experimenta a alegria. Alegria que é transbordante, porque não é apenas individual, mas de todo o Povo de Deus.

2- De facto, ela é transbordante porque não é só nossa, mas da Igreja, melhor, de Deus, do próprio Cristo. Torna-se nossa, quando deixamos de ser nossos e passamos a ser de Cristo, vivendo como membros do seu Corpo. Disto nos fala S. Paulo na carta aos Gálatas (6,14-18): «Longe de mim gloriarme, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. Pois nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem alguma coisa: o que tem valor é a nova criatura». A nova criatura é Jesus Cristo a viver e reinar em nós, como único Senhor e Salvador da nossa vida. Em que ela se reconhece? Na nossa capacidade de sairmos de nós mesmos, de construirmos a paz, de usarmos de misericórdia e construirmos comunhão, real, efetiva consequente, uns com os outros; numa palavra, de sermos Igreja: «Paz e misericórdia para quantos seguirem esta norma, bem como para o Israel de Deus».

3- Tal alegria, porém, só transborda, quando, feitos novas criaturas, nos tornámo-nos portadores do Evangelho e o levamos aos outros. Tal é a característica do verdadeiro discípulo, como diz o Evangelho: «o Senhor designou setenta e dois discípulos e enviou-os à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir». Só é «designado» «discípulo»

quem é enviado. O mesmo é dizer: só é cristão, quem é missionário. Mas ninguém é missionário sozinho: «enviou-os dois a dois». E nenhum missionário é enviado para falar de si mesmo, mas do Senhor. Para isso é preciso conhecê-lo. Por isso, Jesus recomendou-nos antes de mais a oração. Oração para O conhecermos; oração para sermos missionários; oração para pedirmos que todos os que O aceitam se tornem discípulos-missionários: «Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara».

Nisso se manifesta em nós a nova criatura: sermos capazes de fazer comunhão e anunciarmos o Evangelho, como instrumentos de Cristo e portadores da sua paz. Este é o sinal de que somos seus discípulos, para isso fomos enviados. Não para discutirmos, para nos pormos acima dos outros ou nos apresentarmos como único modelo verdadeiro, mas para irmos ao encontro de todos e lhes levarmos o Senhor, com humildade, mansidão e docilidade, à semelhança de Cristo: «Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos». Para quê? Para construirmos a paz: «Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: “Paz a esta casa”». Só teremos, porém, esta paz, se não nos apoiarmos em nós mesmos, nos nossos meios e forças, mas apenas no poder de Cristo. Não para nos anunciarmos a nós mesmos, mas a Ele, o Senhor e Salvador das nossas vidas, fonte de vida nova e de salvação para todos os que nele acreditam: «Dizei: “Está perto o reino de Deus”».

Esta é a alegria santa que pedimos: a de sermos discípulos missionários. Porque só é cristão, sinal e presença de Cristo, continuador da sua missão, quem for missionário; quem o não for, não é cristão, é demissionário. Sejamos, pois, discípulos-missionários no seio das nossas famílias e comunidades, no nosso trabalho, onde quer que nos encontremos. Assim experimentaremos a alegria de Cristo, a alegria perene e verdadeiro do Evangelho, que jorra para a vida eterna.



**XIV Domingo
do Tempo Comum
Ano C
7 de julho de 2019**

I Leitura

Is 66, 10-14c

«Farei correr para Jerusalém a paz como um rio»

Leitura do Livro de Isaías

Alegrai-vos com Jerusalém, exultai com ela, todos vós que a amais. Com ela enchei-vos de júbilo, todos vós que participastes no seu luto. Assim podereis beber e saciar-vos com o leite das suas consolações, podereis deliciar-vos no seio da sua magnificência. Porque assim fala o Senhor:

«Farei correr para Jerusalém a paz como um rio e a riqueza das nações como torrente transbordante. Os seus meninos de peito serão levados ao colo e acariciados sobre os joelhos. Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei: em Jerusalém sereis consolados.

Quando o virdes, alegrar-se-á o vosso coração e, como a verdura, retomarão vigor os vossos membros. A mão do Senhor manifestar-se-á aos seus servos.

Palavra do Senhor.

Salmo Responsarial

Salmo 65(66)

A terra inteira aclame o Senhor.

II Leitura

Gal 6, 14-18

«Trago no meu corpo os estigmas de Jesus»

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Gálatas

Irmãos:

Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.

Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão valem alguma coisa: o que tem valor é a nova criatura.

Paz e misericórdia para quantos seguirem esta norma, bem como para o Israel de Deus. Doravante ninguém me importune, porque eu trago no meu corpo os estigmas de Jesus. Irmãos, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito. Amen.

Palavra do Senhor.

Aleluia

Col 3, 15a.16a

Reine em vossos corações a paz de Cristo, habite em vós a sua palavra.

Evangelho

Lc 10, 1-12.17-20

«A vossa paz repousará sobre eles»

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, designou o Senhor setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir.

E dizia-lhes: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa nem alforje nem sandálias, nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho. Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa’. E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles; senão, ficará convosco. Ficai nessa casa, comei e bebei do que tiverem, que o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. Quando entrardes nalguma cidade e vos receberem, comei do que vos servirem, curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: ‘Está perto de vós o reino de Deus’.

Palavra da salvação.

Sugestões de Cânticos

ENTRADA

Cantai ao Senhor um cântico novo - F. Silva, CEC II, 144

ATOPENITÊNCIAL

Kyrie eleison - J. Berthier, COM, 34

SALMO RESPONSARIAL

A terra inteira aclame o Senhor - M. Luis, SR, 302

ANTÍFONA DA COMUNHÃO

Saboreai e vede como o Senhor é bom - M. Luis, CECI, 69

FINAL

Diz o Senhor: “Ide e ensinai...” - A. Cartagena, CECI, 219

XV Peregrinação Diocesana a Fátima



CONSAGRAÇÃO DA DIOCESE DE BEJA

“Virgem Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e nossa Mãe Santíssima, em vossas mãos colocamos, cheios de confiança, a conclusão deste Ano Pastoral na nossa diocese de Beja. Conhecemos as nossas limitações e a nossa debilidade e entrevemos as dificuldades e a grandeza do trabalho a realizar para que nos tornemos realmente comunidades vivas e evangelizadoras, solidamente enraizadas na fé, dinamizadas pela esperança e dando testemunho daquela caridade que só o Deus-conosco nos pode oferecer. Intercedei por nós, como o fizestes nas bodas de Caná, quando nos faltou o vinho novo do Espírito, e não vos canséis de nos ensinar a fazer tudo o que Jesus nos disser quando cada um teima em fazer a sua própria vontade. Dai a todas e a cada uma das nossas comunidades o dinamismo pascal que nos mantém a caminho da Pátria Celeste, sustentados pela Palavra e pela Eucaristia.

Queremos ser ouvintes do Evangelho, e seus cumpridores, no concreto das nossas vidas. Queremos responder aos vossos pedidos de oração e penitência pela conversão dos pecadores, sobretudo na nossa diocese, tornando-nos cada vez mais, tal como vós ó Maria, discípulos de Jesus manso e humilde, cheios de amor ao Pai e aos homens nossos irmãos, cheios de zelo pela salvação do mundo. Dai-nos um coração trespassado como o vosso pela espada do espírito que é a Palavra de Deus, dai-nos um coração misericordioso e compassivo, atento aos pobres, necessitados e doentes, aos que vivem sós e marginalizados, aos

que têm fome de verdade, de esperança e de vida, e sede de justiça, de amor e de paz. Consagramo-vos de modo especial os nossos pastores, bispos, padres, diáconos e seminaristas, para que sejamos dóceis ao Espírito Santo, presença viva e atuante de Cristo Bom Pastor, sinais e instrumentos da misericórdia de Deus Pai. Intercedei por estas paróquias que são vossas, para que surja uma nova seara de vocações ao sacerdócio e à vida consagrada e mais jovens, rapazes e raparigas, se ofereçam inteiramente ao Senhor para O servirem na oração e no ministério apostólico. Consagramo-Vos as nossas famílias, para que sejam comunidades



de amor, santuários onde a vida é acolhida, transmitida e cultivada, verdadeiras igrejas domésticas onde Deus é adorado, amado e obedecido, lugares onde a presença da glória de Deus faz resplandecer, no meio do mundo, a alegria da comunhão. Consagramo-Vos também as crianças, os jovens, os idosos, os doentes, os imigrantes e deslocados das suas terras, para que cresçam e vivam em paz no nosso meio, sendo acolhidos e integrados como membros da mesma e única família humana. Lançai também um olhar de

misericórdia aos encarcerados e a quantos, despojados da sua dignidade, lutam diariamente contra a falta de esperança.

Virgem gloriosa, manifestadora da beleza de Deus, brilhante como o Sol, bela como a lua, terrível como um exército de bandeiras desfraldadas, fazei resplandecer essa divina beleza na vida das nossas comunidades, e assim o mundo acredite que o céu desceu à terra para que a Humanidade encontre em Deus a sua plena realização.

Virgem Santíssima, sois Mãe e figura da Igreja. Permaneci conosco como permanestes com os Apóstolos no Cenáculo, em oração, até receberem o Espírito Santo e começarem a ser testemunhas de Jesus vivo e ressuscitado. Ficai conosco para que vivamos reconciliados com Deus e uns com os outros em Cristo, único Salvador. Ficai conosco ó Maria para que, permanecendo convosco no Coração de Cristo, demos fruto abundante e o Pai seja glorificado em nós. Pela vossa presença e intercessão, as nossas comunidades e paróquias sejam transformadas em oásis de misericórdia no meio do mundo, como nos escreveu o papa Francisco. Aceitai, Senhora, esta nossa consagração humilde e confiante que vos rezamos em uníssono:

Ó Senhora minha, ó minha Mãe, eu me ofereço todo(a) a Vós, e em prova da minha devoção para convosco, Vos consagro neste dia e para sempre, os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração e inteiramente todo o meu ser. E porque assim sou Vosso(a), ó minha boa e incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa. Lembrai-Vos que Vos pertença, terna Mãe, Senhora Nossa! Ah, guardai-me e defendei-me como coisa própria Vossa! Nossa Senhora do Rosário de

Fátima

Rogai por nós!” (3 vezes)

ORAÇÃO DO ROSÁRIO E PROCISSÃO DE VELAS

Após o jantar, a partir das 21.00 horas, integramo-nos no programa oficial do Santuário, para a Oração do Rosário e a Procição de Velas.

Na manhã do dia 29 (Domingo), pelas 8 horas e 30 minutos, muitos foram os peregrinos que, respondendo ao apelo do Senhor Bispo, se reuniram na *Capela da Morte de Jesus* para a Oração de

nossa Mãe, falando acerca do céu aos três pastorinhos como sua verdadeira pátria os ensinou a viver neste mundo caminhando para lá, como peregrinos. Também nós somos peregrinos. Estamos celebrando a Eucaristia, ponto alto desta peregrinação. A Palavra de Deus que escutámos preparou-nos para vermos, na fé, o céu na terra, ou seja, Deus Nosso Senhor falando connosco. Agora mesmo, nas palavras desta homília que escutais, é o Senhor quem nos fala. E que nos diz Ele? 2 - A tradução do texto da voca-



Laudes. Às 10 horas, na Capelinha das Aparições, a Oração do Rosário, seguida da Procição para o Altar do Recinto, onde foi celebrada a Eucaristia, tendo a mesma terminado com o “Adeus à Virgem” durante o qual muitos não conseguiram conter as suas lágrimas, enquanto cantaram: **“Uma prece final/Ao deixar-vos, Mãe de Deus: Viva sempre em minha alma este grito imortal: Ó Fátima, Adeus./Virgem Mãe, Adeus!**

Como nota final, o facto de ser notória a diminuição dos peregrinos de Beja, comparativamente às tradicionais peregrinações anteriores bem como a diminuta participação dos jovens (15 aos 24 anos) e dos jovens adultos (25 aos 40 anos). A par destas realidade, nem todos os Párcos participaram na Peregrinação, certamente por motivos justificados, alguns dos quais por falta de saúde.

Homília na Peregrinação Diocesana a Fátima 30 de junho de 2019

“Caras irmãs e irmãos peregrinos de Nossa Senhora de Fátima, de um modo especial os que sois diocesanos de Beja:

1 - Viemos a Fátima em peregrinação. Viemos a este lugar onde o céu se abriu sobre a terra, onde Maria, a Mãe de Jesus e

ção de Eliseu que escutámos há momentos, pode deixar-nos perplexos. Sentindo-se apanhado por Eliseu que sobre ele lançou a sua capa, Eliseu pede-lhe: Deixame ir abraçar o meu pai e a minha mãe; depois irei contigo. Eliseu responde-lhe: Vai e volta, pois eu já fiz o que devia. A perplexidade é esta: Eliseu foi, ou não, despedir-se do pai e da mãe? Como pessoa bem educada que julgamos ter sido, inclinamo-nos a pensar que foi. E a tradução litúrgica das palavras de Eliseu parece sugerir-lo: Vai e volta, pois eu já fiz o que devia. No entanto, a continuação do texto não fala das despedidas de Eliseu. Diz que matou uma junta de bois, queimou o arado para assar a carne que deu a comer à sua gente, e depois seguiu Eliseu, ficando ao seu serviço. Este contexto desaconselha-nos a pensar que Eliseu foi despedir-se dos pais. E se traduzíssemos desta maneira as palavras de Eliseu: Se vais, voltas? Que te fiz eu? Ouvidas com esta entoação, estas palavras ajudaram certamente Eliseu a responder com prontidão ao gesto de Eliseu, que o arranca da sua vida passada e faz dele um profeta, um homem com uma missão muito concreta no meio do povo de Israel. De facto, lançar a capa sobre alguém significa «tu pertences-

ma Reuniu mais de 1500 Alentejanos

me! Segue-me»!

3 - Assim, é perfeita a sintonia com as palavras de Jesus no Evangelho, que acabámos de escutar. Nele vemos que Jesus tomara a firme decisão de Se pôr a caminho de Jerusalém onde iria ser crucificado. Assim realizava a vontade do Pai e nos dava, a todos nós pecadores, a Sua vida de Filho, amando-nos até ao fim. Violento em relação a Si mesmo, o Senhor Jesus apresenta-Se manso e humilde perante aqueles samaritanos que não Lhe deram hospedagem, precisamente por ir a caminho de Jerusalém.

Foi então que se Lhe apresentou alguém entusiasmadíssimo, disposto a segui-l'O por toda a parte. E o que Lhe respondeu Jesus? As raposas têm as suas tocas, as aves dos céus os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. Que esperamos nós do Senhor, quando nos propomos segui-l'O? Para seguir Jesus não basta o entusiasmo do momento. É necessário ser chamado por Ele e dispor-se a segui-l'O no caminho para Jerusalém, ou seja,



no caminho para a cruz, para a paixão, morte e ressurreição.

4- A um outro que Ele chamou e que Lhe respondeu com a lei que manda cuidar dos pais na sua velhice, o Senhor dá uma palavra, talvez a palavra mais dura para os ouvidos de um judeu piedoso: Deixa que os mortos sepulem os seus mortos; tu vai anunciar o reino de Deus! Caros irmãos e irmãs, somos cristãos, somos discípulos de Cristo para uma missão que ultrapassa os nossos bons desejos de realização pessoal. Cristo chamou-nos a sermos Seus discípulos **para anunciarmos o reino de Deus**. Tu vai anunciar o reino de Deus! O reino de Deus, queridos irmãos, é Deus a reinar em nós! E quando tomamos consciência desta missão sublime, todos os outros relacionamentos que temos com os

pais, com os familiares, com os amigos, ficam relativizados, passam para um segundo plano. Foi vivendo situações como esta que Lúcia e os Santos Pastorinhos de Fátima enfrentaram a oposição dos seus familiares e das autoridades.

Para seguir Jesus, precisamos ter em nós o Seu Espírito, que nos fortalece e nos conduz à verdade plena (cf. Jo 16,13).

5 - E a resposta que Jesus deu àquele homem que, disposto a segui-l'O, pediu que o deixasse ir despedir-se da sua família: Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus? É o perigo da escravidão afetiva, que sob a roupagem do amor, não nos deixa livres para entregarmos ao Senhor, a nossa vida por inteiro. Precisamos de aprender a amar, como Ele nos amou. A experiência daqueles que O seguem como discípulos diz claramente que só podemos amar-nos verdadeiramente uns aos outros, ou seja, só poderemos dar a nossa vida pelos outros, se temos em nós o Espírito Santo de Jesus, se os

amamos em Cristo Jesus. Ele é o amor de Deus manifestado e oferecido aos homens, para que n'Ele nos tornemos participantes da Sua própria natureza divina. Como vemos, Jesus não Se deixa iludir pela boa vontade de quem se propõe segui-l'O levado por entusiasmos ou pondo condições, pois sabe que esses se seguirão apenas a si mesmos, e que, nos momentos difíceis, facilmente O abandonarão. Por isso, o Senhor lhes fala com dureza, para os despertar.

E a nós, o que nos leva a seguir Jesus? Porque viemos hoje a Fátima? Apenas porque aqui nos sentimos bem, encontramos paz e recuperamos forças? O seguimento de Jesus não é para nos "enchermos" a nós mesmos. Antes nos pede o esvaziamento de nós próprios, das nossas



vontades e dos nossos projetos. Só assim seremos verdadeiramente livres para seguir o Senhor, para fazer a vontade de Deus.

6 - Se compreendes isto, irmão ou irmã, se acreditas em Cristo como novo Adão, como o primeiro de uma humanidade nova, certamente aceitas com alegria as palavras da segunda leitura, da Carta aos Gálatas: Foi para a verdadeira liberdade que Cristo nos libertou (...) Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Contudo, não abuseis da liberdade como pretexto para viverdes segundo a carne; mas pela caridade colocai-vos ao serviço uns dos outros, porque toda a lei se resume nesta palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo (...) Deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne.

De facto, para nós cristãos, a liberdade não se reduz a podermos fazer o que nos apetece. Fazer o que nos apetece, muitas vezes, traduz-se apenas em nos fecharmos em nós mesmos, em usarmos os outros, em pecarmos, ou seja, em deixarmos de ser livres. Para nós, cristãos, ser livre é ser dócil ao Espírito Santo, é deixarmos-nos conduzir por Ele, é renunciarmos a viver segundo a carne, ou seja, segundo o espírito do mundo, para vivermos na docilidade ao Espírito de Jesus. Irmãos e irmãs, de um modo especial os diocesanos de Beja, somos peregrinos. Viemos ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima e a palavra que escutámos agora convida-nos a peregrinar até ao Pai. Peçamos a Nossa Senhora a sua intercessão materna e solícita, de modo particular pela diocese de Beja que,

no próximo ano, vai celebrar os 250 anos da sua restauração. Vamos viver esse ano dando graças ao Senhor e louvando-O por tantos dons que nos tem concedido. Vamos também pedir-Lhe muitos e santos trabalhadores, dedicados a anunciar ali o reino de Deus. O programa que será publicado em breve, nos ajudará a vivê-lo festivamente, como peregrinos centrados no essencial, unidos a Cristo Nosso Senhor.

É assim, caros irmãos e amigos: quando Jesus nos chama para O seguirmos, para vivermos como filhos adotivos de Deus e para anunciarmos o Seu reino, não sobra espaço para negociarmos seja o que for. É pegar ou largar!"

+ J. Marcos, bispo de Beja



A Basílica Paleocristã do Monte da Cegonha e outras Basílicas

António Aparício

O Monte da Cegonha e S. Cucufate, mesmo ali ao lado, na freguesia de Vila de Frades, apresentam basílicas paleocristãs da época romano-cristã, antes da invasão dos povos germânicos, nos inícios do século V. A datação destes templos situa-se em meados e finais no século IV d.C. No Crónica anterior, descrevi a minha peregrinação ao Monte da Cegonha. Nesta, darei um breve apontamento sobre S. Cucufate, (Vila de Frades), e S. Jorge de Vila Verde de Ficalho.

S. Cucufate: Mesmo a li ao lado, a *Villa* romana de S. Cucufate, em Vila de Frades, é uma alma gemina da congénere do Monte da Cegonha. Como ela nasceu nos primórdios da era cristã. De modo semelhante, teve um grande incremento no século IV, durante o qual foi construída a sua basílica, também ao serviço do mosteiro medieval, até ao século XVI. Também aqui se deu também a ruralização da fé cristã, possivelmente, pela conversão do seu rico proprietário. A construção urbana tem a particularidade de



de Almeida (ALMEIDA E MATOS, 1971, p. 171-172), completou a escavação do edifício e espaços anexos e Justino Maciel (1996, p. 193-256), fez o estudo e interpretação do conjunto arquitectónico». Este autor propõe que, numa primeira fase, o edifício da basílica não tivesse função religiosa, mas fosse antes uma *aula/basílica*, um espaço com funções judiciais e adminis-

Troia. De acordo com o estudo dos arqueólogos, «D. Fernando

de Almeida (ALMEIDA E MATOS, 1971, p. 171-172), completou a escavação do edifício e espaços anexos e Justino Maciel (1996, p. 193-256), fez o estudo e interpretação do conjunto arquitectónico». Este autor propõe que, numa primeira fase, o edifício da basílica não tivesse função religiosa, mas fosse antes uma *aula/basílica*, um espaço com funções judiciais e adminis-

trativas ou de comércio e de encontro social, tal como as basílicas que existiam junto aos *fórum* das cidades. Numa segunda fase, situada entre meados do século IV e o início do século V, este espaço teria sido convertido ao culto cristão. [...] Foram construídas três arcadas que dividiram a igreja em quatro naves transversais e as paredes foram profusamente pintadas» (Inês Vaz Pinto, Ana Patrícia Magalhães, Patrícia Brum e João Pedro Almeida)

S. Jorge de Vila Verde de Ficalho. Durante as escavações arqueológicas denominadas “A Época Romana”, levadas a cabo por Nathalie Antunes Ferreira, do Instituto Superior de Ciências de Saúde Egas Moniz e António M. Monge Soares, do Instituto Tecnológico e Nuclear, foi identificado no terreno anexo à Igreja de S. Jorge de Vila Nova de Ficalho, um edifício de culto paleocristão, do século VI, do tempo de Santo Apríngio (531). Na construção desta Igreja de S. Jorge nos inícios do século XVI, reaproveitaram-se parcialmente estruturas da Época Romana.

Neste edifício paleocristão foi identificado um batistério, com as seguintes medidas: 2.10 m de comprimento interno, 65cm de largura e 80 cm de profundidade máxima. Junto a esta havia uma segunda bacia, mais pequena, que também poderia ser inundada ou molhada com a água da primeira. A sul e a norte da Igreja de S. Jorge, existem várias sepulturas da mesma época. Uma delas, em mármore branco, tinha uma inscrição de um tal *Martinus, famulus Christi*, com a data da sua morte. «A intervenção arqueológica dos dias 1 e 2 de Abril de 2007 levaram a concluir que *Martinus* teria, à altura da sua morte, 64 anos. Ficamos a saber, que nestes tempos recuados da nossa história, existiu aqui um “Servo de Cristo”, de nome Martinho, que trabalhava esta terra alentejana, com o título de nobreza, *famulus Christi*. Poderia ter sido um rico proprietário da *Villa* e um fervoroso fiel cristão, com uma relação social e fraterna com os seus assalariados (Investigadores: Nathalie Antunes Ferreira e António M. Monge Soares).

Passeiam os cães e prendem os filhos



Sílvia Couto

Por estes dias ouviu-se uma razoável lamentação: muitas das famílias, com a tendência de protegerem os filhos, não os deixam sair nem de casa, contrastando com o ritual de passearem os cães cada manhã ou pela noite.

Estão aqui enunciados dois problemas: por um lado a cada vez maior tentativa de resguardarem as crianças dos ‘perigos’ a que possam estar sujeitas e por outro a crescente moda de tornarem os ‘animais de companhia’ em parceiros de estimação na vida em família... Os lulus ao colo

e as crianças no carrinho!

Na pior das hipóteses temos famílias a viverem a conduta inversa daquilo que seria razoável: que as crianças não possam ter uma vida normal, com os riscos que lhe estão associados e de fazerem dos animais a substituição de alguns afetos (mais ou menos) recalcados.

De facto é preocupante escutar entendidos na matéria falarem de crianças que são intoxicadas de medicamentos para serem ‘dominadas’ nas diabruras próprias da idade, sendo superprotegidas pelos pais e avós, não deixando que a criança viva a sua vida normal, fazendo-lhes tudo e o resto, sem as deixarem ser pessoas agora e no futuro... Bastará passar ao pé de uma escola em hora de entrada ou de saída e veremos uns tantos adultos a fazerem a figura de ‘burros de carga’ dos mais novos, que de aliviados correm o perigo de tornarem quem assim os trata numa espécie de escravos substitutos e de maus educadores.

= Perante este panorama nada ‘bucólico’ talvez estejamos a

construir uma sociedade fundada mais no medo do que na confiança, levando os adultos a que os mais novos vivam numa espécie de redoma de proteção contra o que possa trazer risco, mesmo de minimamente errar. Com uma posição deste género estaremos a lançar funestas sementes para que ninguém confie em ninguém, tornando-nos – uma parte, alguns e uma razoável maioria – desconfiados quanto baste para que os outros possam ser vistos como adversários, senão de forma direta ao menos na pretensão de interferirem com o nosso ‘mundinho’, feito de arquétipos, de fantasmas e mesmo de novos adamastores em conduta social mais ou menos agressiva.

Muita da possível educação, desde casa, está alicerçada na desconfiança para tudo e com todos, criando nos mais novos a sensação de que uma onda de maldade perpassa o seu mundo, mais virtual do que real. Por vezes podem acontecer insinuações e possíveis acusações dos mais novos sobre os adultos que não

passam de efabulações suscitadas pelos medos, entretanto, semeados na imaginação dos mais novos...

= De pouco adiantará falar às crianças desse tempo em que se brincava na rua, se faziam jogatanas de futebol à semelhança dos clubes grandes na disputa das cores nacionais, se podia deixar uma criança percorrer o caminho da escola sem receios de malfeitores encapuçados... mais virtuais do que reais, de ir e de voltar sem aflições de serem menos cuidadas, de poderem dirimir as diferenças (de força, de opinião ou de conquistas) com lutas sem interferência dos mais velhos protecionistas, de nunca levar para casa ressentimentos de algum castigo infligido pelo professor/a... numa palavra: os arranhões eram medalhas conquistadas com sabor a vitória, mesmo que disfarçadas de derrotas mais digeridas...

É verdade, esse mundo existiu e não foi inventado para atrair a atenção dos mais velhos ou dos pedagogos menos bem apetre-

chados nas ciências de estudo. Hoje soa quase a criança toda uma panóplia de conselhos protecionistas, infantilizantes e com rótulo de infantilizadores: as crianças precisam de se sujarem a brincar, necessitam de construir o seu mundo sem lho inventarem, de crescerem na afirmação de quais são as suas apetências sem precisarem de serem empurradas no escorrega do jardim, já que o quintal está reduzido a uns centímetros de mísera varanda, disputados ao cão ou ao gato...os quais podem configurar um irmão não-aceite nem acolhido em família.

= Num futuro próximo precisamos de objetivar quais são os valores que pretendemos transmitir aos mais novos, sabendo educá-los a partir do ponto onde estão, rumo a uma meta exequível, equilibrada e capaz de mobilizar quem se sinta preparado para correr riscos. Creio que está na hora de não continuarmos a infantilizar adolescentes e jovens com medos que não passam de conjecturas dos educadores, pais ou professores...



Atividade operacional semanal

O Comando Territorial de Beja levou a efeito um conjunto de operações, no distrito de Beja, na semana de 24 a 30 de junho, que visaram a prevenção e o combate à criminalidade violenta, fiscalização rodoviária, entre outras, registando-se os seguintes dados operacionais:

1. Detenções: Sete detidos em flagrante delito, destacando-se: Quatro por condução sob o efeito do álcool; Um por tráfico de estupefacientes; Um por posse ilegal de arma.

2. Apreensões: 16 doses de haxixe; Duas sementes de can-

nabis; 50 cartuchos; Três armas de fogo; Duas munições; Um veículo; 50 litros de gasóleo; Oito bidons; Uma televisão; 37 euros em numerário.

3. Trânsito:

Fiscalização: 250 infrações detetadas, destacando-se: 15 por falta de inspeção periódica obrigatória; 15 por excesso e/ou mal acondicionamento e disposição da carga; Dez relacionadas com tacógrafos; Nove por condução com taxa de álcool no sangue superior ao permitido por lei; Nove por infrações relacionadas com os sistemas de iluminação e sinalização; Sete por falta ou

incorreta utilização do cinto de segurança e/ou sistema de retenção para crianças; Sete por uso indevido do telemóvel no exercício da condução; Seis por falta de seguro de responsabilidade civil obrigatório; Seis por infrações relacionadas com os pneumáticos.

Sinistralidade: 32 acidentes registados, resultando: Um morto; Um ferido grave; Oito feridos leves.

4. Fiscalização Geral: 19 autos de contraordenação: Quinze no âmbito da legislação da proteção da natureza e do ambiente; Quatro no âmbito da legislação policial.

PSP - SUMULA SEMANAL

O Comando Distrital de Beja da PSP (CD Beja), no âmbito das suas competências de prevenção e combate permanente à prática de ilícitos criminais e contraordenacionais, no período de 21 a 27JUN2019, na sua área de jurisdição, registou e destaca os seguintes resultados operacionais: **Detenção de 3 pessoas**, de 25, 27 e 48 anos de idade, por condução de veículos automó-

veis sob o efeito do álcool, tendo acusado uma TAS de 1,43 g/l, 1,38 g/l e 1,56, respetivamente. **Operações de Fiscalização:** 1 Operação de Fiscalização Rodoviária, em Beja, com recurso a Radar, que contabilizou 1675 veículos controlados, com a deteção de 3 infrações; 11 Operações de Fiscalização Rodoviária, enquadradas na Atividade Operacional do CD Beja e no

Plano Nacional de Fiscalização (com especial incidência na fiscalização de condução sob o efeito do álcool), que contabilizaram: 207 Veículos fiscalizados; 150 Condutores submetidos ao teste de alcoolemia; 32 Infrações detetadas.

Acidentes rodoviários: Em Beja, registo de 5 acidentes rodoviários, dos quais resultaram danos materiais e 1 ferido grave.

Detenção por suspeita de tráfico de estupefacientes

O Comando Distrital de Beja da PSP, através da sua Esquadra de Intervenção e Fiscalização Policial, no dia 30 de junho de 2019, na cidade de Beja e no âmbito

de uma operação de fiscalização rodoviária de rotina, interceou e procedeu à detenção de 1 homem, de 26 anos de idade, pela suspeita da prática do crime de tráfico de

produto estupefaciente. Desta ação policial, resultou ainda a apreensão de: 300 (trezentas) doses de haxixe; 280,00• (duzentos e oitenta euros); 1 canivete.

INDISPONIBILIDADE DE MEDICAMENTOS AFETOU 3,4 MILHÕES DE UTENTES 1,4 milhões teve de recorrer a consulta médica para alterar prescrição

Nos últimos 12 meses, 3,4 milhões de utentes enfrentaram algum tipo de indisponibilidade de medicamentos e mais de 370 mil utentes tiveram de interromper tratamento por esse motivo, de acordo com um estudo realizado pelo CEFAR (Centro de Estudos e Avaliação em Saúde).

A indisponibilidade de medicamentos levou 1,4 milhões de utentes a recorrer a consulta médica para alterar a prescrição. O recurso a estas consultas causou elevados custos quer para o sistema de saúde (35,3M• a 43,8M•), quer para o utente (2,1M• a 4,4M•).

António Teixeira Rodrigues, diretor-executivo do CEFAR, considera que os números revelam “um problema que se verifica um pouco por todo o País e de forma considerável”.

Associação Nacional de Farmácias



Bom humor

Viborazinha em pânico

- Mãe, mãe!
- Que foi, filhinha?
- É verdade que nós somos venenosas?
- Sim, filhinha, somos venenosas... porque perguntas?
- É que eu mordi a língua...

Aluno "bom" para o pai

O miúdo chega a casa todo contente e diz ao pai:

- Pai, tenho boas notícias!
- Ai sim? Ora conta lá.
- Lembras-te do computador que me prometeste se eu passasse de ano?
- Sim...
- Já não precisas de gastar dinheiro!

Ferramentas

Chamado às pressas no meio da noite, o médico chega todo cansado à casa de um empresário, cuja esposa estava acamada.

- Com licença - diz ele, expulsando todas as pessoas do quarto. - preciso ficar só, com a paciente!

Apreensivo, o marido fica do lado de fora do quarto. Ouve alguns barulhos estranhos, e depois de alguns minutos o médico enfia a cabeça pela porta e pergunta ao marido:

- O senhor tem um alicate?

O marido vai buscar um alicate. A porta torna a se fechar. Mais barulhos estranhos e alguns minutos depois, novamente a cabeça do médico aparece na soleira da porta:

- O senhor tem uma chave de fendas?

Espantado, o marido vai buscar a chave de fendas. Passam-se mais alguns minutos:

- O senhor tem um serrote?

E o marido, desesperado:

- Serrote? O caso dela é tão grave assim?

- Ainda não sei - explica o médico - não consigo abrir a minha mala!

Somefe
ÉVORA

O seu parceiro em
infra-estruturas
do sub-solo

Telecomunicações, Electricidade
Gás, Águas, Esgotos, Pluviais

SOMEFE - Sociedade de Metais e Fundição, Lda.
Rua Circular Poente, 17 - Apartado 31
7006-801 ÉVORA - PORTUGAL
Tel. (+351) 266 750 250 • Fax (+351) 266 750 251
somefe@somefe.pt • www.somefe.pt

Notícias de Beja

Propriedade da Diocese de Beja
Contribuinte N.º 501 182 446

04 julho 2019

Diretor: António Novais Pereira

Redação e Administração:
Rua Abel Viana, 2 - 7800-440 Beja
Telef. 284 322 268
E-mail: noticiasdebeja@mail.telepac.pt

Assinatura 35 Euros anuais c/IVA
IBAN PT50 0010 0000 3641 8210 0013 0

Impressão:
Gráfica do Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4-A - 4710-306 Braga

Registo
N.º 102 028

Depósito Legal
N.º 1961/83
Editado em
Portugal

Tiragem
1.500

Ano Jubilar da Restauração da Diocese

A Sé pacense já existiria nos princípios do século IV, mas veio a extinguir-se durante a dominação muçulmana. De 754 a 1770 mediam mil e dezasseis anos em que a diocese de Beja ficou sem Bispo e foi a sua sede transferida para Badajoz, até que D. Afonso Henriques a sujeitou a Évora. O Cardeal D. Henrique ainda deu alguns passos no sentido de voltar a elevar Beja à dignidade de cidade episcopal, mas deparou-se com interesses perversos que lhe frustraram o seu intento. Só em 1770, no reinado de D. José I, o Marquês de Pombal resolveu aumentar o número das dioceses do Reino e, deste modo, a cidade de Beja viu realizada a sua nobre e justa aspiração, através do Breve Apostólico *Agrum Universalis Ecclesiae* de 10 de Julho de 1770, firmado pelo Papa Clemente XIV.

De 10 de julho próximo a 10 de julho de 2020, celebramos, portanto, 250 anos de restauração da diocese de Beja. Neste Jubileu, a diocese quer fazer memória de pessoas, acontecimentos, documentos e até de objetos que se evidenciaram numa época e lhe conferiram alguma particularidade. Na verdade, personalidades houve, entre as quais bispos de notável inteligência e grande capacidade de discernimento, souberam cuidar dos mais vulneráveis, promover a cultura, organizar e aproveitar bem os meios às vezes escassos, fazer o anúncio inteligente e oportuno do amor de Deus.

Uma Comissão Organizadora tem vindo a preparar um programa simples e plural do qual se destacam a vertente celebrativa e cultural. Alguns peritos nas matérias programadas estão confirmados. Está em preparação uma exposição de peças e documentos, que em geral estão longe do público, a realizar nos meses de março e Abril de 2020.

A partir do próximo dia 10 de Julho, vamos encontrar este anúncio em painéis expostos nas fachadas das igrejas da diocese. Ali, o rosto de Cristo, desenhado através da mão artística do nosso Bispo, deixa-nos este convite a fazer deste jubileu um ano de grata memória. «Vinde e vereis».

Pela Comissão Organizadora
Pe. Domingos

4.^a Feira | 10' JULHO | 18h00

Na Igreja Catedral de Beja

249.º Aniversário
da Restauração
da Diocese de Beja

Missa Votiva
ao Espírito Santo

Rão Kyao e o Coro do Carmo no *Festival B*



De 27 a 30 de junho decorreu em Beja o 2º *Festival B*, promovido pela Câmara Municipal. Este ano, o Festival foi dedicado ao imaginário romântico de Soror Mariana Alcoforado, no âmbito da comemoração dos 350 anos da primeira edição das célebres cinco cartas de amor, “*Lettres Portugaises*”, que ela terá dirigido ao cavaleiro francês Noel Bouton de Chamilly, conde de Saint-Léger, por volta de 1663.

Para além de outras iniciativas e atividades (que decorreram anteriormente e decorrerão até ao final do ano), na programação principal, cerca de 40 artistas e grupos atuaram com catorze espectáculos de música e dois de dança, conferências, conversas e as exposições “100 passos”, (patente até ao final do ano), “Leonel Borrela” e “Cartas Portuguesas” (patentes até ao final do mês). Houve também a criação de um filme a três dimensões sobre Mariana Alcoforado e o documentário “Cartas”, realizados por António Paizana e Luís Godinho. Estes espectáculos ocorreram em palcos instalados no centro histórico da cidade, nomeadamente no terraço e no largo do Museu Rainha D. Leonor (antigo convento onde viveu Soror Mariana Alcoforado), no Largo do Lidador, ladeado pela linda

fachada da Igreja da Sé e pelo maravilhoso castelo, com a sua torre imponente (a mais alta de todos os castelos portugueses) e no Pátio das Laranjeiras.

A convite de Paulo Ribeiro



(director artístico do *Festival B*), teve o Coro do Carmo de Beja o privilégio de participar neste evento, que usou de parcerias em residências artísticas, entre diversos artistas em ligações por vezes improváveis e inusitadas! No caso do Coro do Carmo, a proposta foi de uma atuação conjunta com o renomado artista Rão Kyao e os seus músicos, em paralelo com o competente maestro e organista José Filipe Guerreiro e com o talentoso violinista bejense André Fresco. No dia 28, Sexta-feira, pelas 21

horas, acompanhado dos seus músicos, actuou primeiramente Rão Kyao, dominando as suas flautas de bambu como se fossem o prolongamento do seu próprio corpo, com três temas. Seguidamente, o Coro do Carmo de Beja subiu ao palco e nesta uníssonos parceria interpretou 3 sugestivos temas do Cancioneiro Alentejano, em que foi solista Mafalda Vasques, seguindo-se uma “cantiga de amigo” do Cancioneiro do Palácio - um momento renascentista que incluiu um interessante diálogo entre o Coro e o instrumental - e duas canções populares da Beira Alta, quase tudo com arranjos e harmonizações do compositor e maestro do Coro, P. António Cartageno, com o envolvimento conjunto do Coro e de Rão Kyao e os seus

músicos. Tal como solicitado, homenageou-se Mariana e os seus sentimentos de amor, espiritualidade e alegria; celebrou-se a universalidade deste amor não correspondido que ela tão bem soube sublimar através das suas maravilhosas palavras nas “Cartas”, sendo considerada uma das mais belas histórias de amor romântico no contexto português! Depois de uma nova intervenção de Rão Kyao e os seus músicos, nada melhor para a despedida do que cantar o “Castelo de Beja”, tendo-o ali mesmo à nossa frente num maravilhoso cenário, em noite quente de junho! As vozes do Coro unidas às do vastíssimo público ecoaram no Largo do Lidador, manifestando a alma alentejana! Muitas ovações houve ao longo do concerto, demonstrando o agrado e o encanto de todos perante o trabalho de excelência apresentado! **Rão Kyao & Coro do Carmo de Beja!** Um entrosamento que resultou magnífico! Mágico! (no dizer de Paulo Ribeiro).

Maria Elias

